XIII CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOLOGIA APLICADA

Roma, 9-14 de abril de 1958.

Prof. LEANDRO CANESTRELLI

Discurso presidencial lido na sessão inaugural. (1)

Excelências, Senhoras e Senhores.

Desejo eu também, agradecer às autoridades congregadas para esta Sessão Inaugural do XIII Congresso da Associação Internacional de Psicologia Aplicada.

Agradeço sincera e pessoalmente ao prof. Henti Piéron, professor honorário do Colégio de França, valoroso e ativo promotor de nossa Associação, ter-nos honrado com a sua presença entre nós, aderindo ao nosso convite a custo de considerável sacrifício. Espero e lhe desejo que possa guardar uma grata lembrança do Congresso.

Análogos agradecimentos apresento ao Excelentíssimo Padre Gemelli que aceitou meu convite para dirigir-vos o discurso de abertura em nome dos psicólogos italianos dos quais é o decano.

Por outro lado, desgosta-me profundamente que precárias condições de saúde não tenham permitido estar presente junto a nós o Prof. Mário Ponzo, presidente da Sociedade Italiana de Psicologia e, como eu, representante da Itália junto ao Comitê Diretor da A.I.P.A. Meu lugar de presidente do Congresso teria sido bem mais dignamente desempenhado por êle. Interpretando seu pensamenot e seu desejo, apresento a todos vós sua saudação de boas vindas, assim como, interpretando vosso pensamento, transmitir-lhe-ei as vossas. Desejo que esta manifestação tenha também o significado de uma homenagem à sua pessoa que, depois de haver despendido tanto de sua combatividade pela psicologia italiana – juntamente com Gemelli e Baníssoni – não pôde ter a satisfação de dar vida a êste Congresso que, desde 1953 (isto é, por ocasião do XI Congresso de nossa Associação), êle aspirava a realizá-lo.

E, por fim, consentí que trace em vosso pensamento a figura do pranteado Prof. Ferruccio Banissoni, que já representou a Itália,

(1) Traduzido para o português pela Prof. L. D'Anniballe Braga.

antes de mim, juntamente com Ponzo, no mesmo Comitê diretor de nossa Associação. Há já cêrca de seis anos que nos deixou e dois outros congressos da Associação já tiveram lugar depois de seu desaparecimento. Ter-lhe eu sucedido no pôsto por êle desempenhado junto ao Conselho Nacional de Pesquisas, cujo Instituto de Psicologia é preponderantemente orientado no sentido das aplicações da psicologia e onde deu êle tanto de sua melhor atividade, faz-me sentir a necessidade de evocar a sua querida memória. Agradeço, finalmente, a tôdas as delegações das 30 nações presentes ao congresso e entre elas os representantes das diversas Universidades estrangeiras.

Senhoras e Senhores.

Um Congresso, especialmente aqui em Roma, onde anualmente acontecem tantos, parece, a quem o vê "de fora", um fato vulgar de crônica, ou de um acontecimento cultural, interessante o quanto se queira, mas de administração comum. Os problemas científico-culturais que aí se propõe e se debatem representam, por certo, o fim precípuo de uma manifestação de tal gênero. Mas, ocorrência externa ou problema (tudo quanto, de conteúdo, que aparece no programa e que aparecerá nas atas) é, e fica, por si só, algo impessoal, isto é, carece de algo de seu significado psicológico humano.

Não obstante, um Congresso é um ato humano, uma ação complexa de cooperação e de colaboração, visando a um fim específico e para uma organização integrada de fins. Como tal, possui sua carga psicológica exatamente ao seu valor para quem de um modo ou de outro, contribuiu para sua realização.

Tudo isto é cousa de pouca monta. E se um outro qualquer Congresso pode desinteressar-se completamente um Congresso de Psicologia, quando mais não fôsse, por uma questão de coerência com o próprio conteúdo dos problemas de que êle estuda.

Não tenho a intenção de tratar da psicologia de um Congresso de psicologia. Desejaria dizer ùnicamente que, levado-se em conta o que significa subjetivamente não sòmente "participar" de um Congresso mas, também, o que significa organizá-lo, haveria com que escrever uma pequena história *sui generis* de um Congresso. Apareceria com uma fisionomia própria que, via de regra, não transparece nas atas: uma pequena história vívida da qual uma parte é mais ou menos comum a qualquer Congresso, outra, ao contrário, peculiar a cada qual.

Como dizia, não são cousas estas que habitualmente se contem pùblicamente aos outros; é um falar quase, na 1.° pessoa, e isto não fica bem. O pranteado Prof. David Katz, iniciando o seu "Presidential address" no Congresso de Psicologia de Estocolmo em 1951, demorou-se um momento a considerar alguns dos relatos, epistolares

com os aspirantes a congressistas; mas, dêles se serviu delicadamente como ponto de partida para tratar de um problema psicológico, num plano estritamente científico: o problema "psicológico da margem de segurança". Eu não. Como bom introvertido, sinto um pouco a necessidade de por a nú, por um instante, isso que subjetivamente tem significado ou significa êste Congresso para nós.

Aqui em Roma — onde as mais diversas disciplinas encontram freqüentes ocasiões de apreesntar-se em dia para quem as cultiva ou para a opinião pública (penso principalmente nos Congressos de medicina) — aqui em Roma, dizia, faz exatamente 53 anos que um Congresso Internacional de psicologia (esplìcitamente de psicologia) não se realiza e isto nos pareceu grave.

Tratou-se do V Congresso Internacional de psicologia em 1905, presidido pelo notável fisiólogo Luigi Luciani e por um patrocinador da psicologia italiana, o insigne antropólogo Giuseppe Sergio, com o psiquiatra Augusto Tamburini e Sante de Sanctis como secretários gerais. A êste Congresso estavam também presentes alguns dos atuais decanos da psicologia, e de ciências afins, como H. Piéron, A. Michette, M. Ponzo, S. Sergi, A. Niceforo, A. Aliotta, etc.

Para ser exato, eu pretendo, em realidade, referir-me aos Congressos internacionais de horizontes amplos que dêem também à opinião pública uma idéia do amplo alcance de nossa disciplina, e não àquêles que trataram de um aspecto ou de um setor especial dela.

Disse, há pouco, que a longa demora em se organizar um congresso internacional de psicologia de amplo conteúdo nos pareceu uma grave lacuna para preencher: mas, por que? Muitos, hoje, pousam de fato o problema de se, e quanto, um congresso é necessário; se os resultados que se obtêm valem as despesas que êle comportou; se não valer mais no caso, substituir a fórmula tradicional de Congresso, ao qual também êste aspira, pela fórmula talvez cientìficamente mais produtiva do "Symposium", limitado aos iniciados e aos peritos, a respeito de um problema específico, sôbre o qual a ciência tenha necessidade de pôr em dia.

Direi que é impossível dar-se uma resposta de ordem geral.

Há um aspecto da questão que me parece dever-se ter presente.

No caso de muitas disciplinas — e a psicologia está entre estas — que penetraram tão amplamente (não digo profundamente) nos interêsses da sociedade ou da opinião pública contemporânea, também a psicologia — apontava-o antes — tem os seus direitos; e se, em qualquer caso, é o perito quem deve dar a palavra, suas responsabilidades se estendem, no caso de tais disciplinas, também ao dever de informação da opinião pública que, especialmente da psicologia (de que falam todos a torto e a direito), espera uma palavra que seja a resposta a qualquer das tantas interrogações a respeito

da natureza humana e a qualquer dos mais atormentadores problemas da vida social moderna.

Aqui em Roma, existe para psicologia alguma exigência a mais que não se encontra em outras cidades italianas. Sede, como é, da mais vasta Universidade da Itália, Roma é a única cidade onde a psicologia está inserida no programa dos estudos de seis diversas faculdades (medicina, jurisprudência, filosofia e letras, magistério, para os cursos de licenciados; engenharia e ciências biológicas para os cursos de aperfeiçoamento). A psicologia — quero com isso dizer — está em contato e procura interessar um ambiente cultural universitário bastante vasto, mais que alhures. Não direi que a psicologia seja acolhida de braços abertos por parte do ambiente universitário. Trata-se de um ambiente ainda em grande parte por conquistar-se (perdoem-me a franqueza os colegas não psicólogos aqui presentes).

Um Congresso, portanto, poderia aparecer também como catalizador das relações de recíproca estima e entendimento e de eventual colocação entre a psicologia e as outras disciplinas. Tarefa dura esta e também perigosa de enfrentar-se, mas que, contudo, valia a pena tentar-se (a escolha das seções e dos temas do Congresso procurou refletir também êste entendimento).

Êste Congresso, conforme o convite do vice-presidente de nossa associação, Prof. José Germain, deveria realizarse em Madrid; mas, esta possibilidade ficou frustrada por sobrevirem graves e imprevistas difículdades; assim é que se passou inùtilmente um ano precioso. Foi, então, que, frente a essa nova situação desagradável, o Gabinete do Comitê Diretor da Associação se sentiu levado a sondar também as nossas possibilidades de hospedarmos o Congresso em Roma; eu fiquei de início perplexo e exultante.

Para os psicólogos e também para os não psicólogos aqui presentes, não será difícil compreender o jôgo das minhas íntimas motivações conflitivas entre si combatido pelo desejo de realizar o Congresso na minha cidade natal e na Universidade a que pertenço, e pela necessidade de me sentir sgeuro por uma certa bas sólida antes de assumir o compromisso. Procurei em vão obter essas bases. Em seguida, veio o ato de coragem e de fé: coragem de quem sabe que enfrentará um obstáculo muito maior que os meios à disposição; fé nas ações ulteriores.

Não há necessidade de se recorrer aos esquemas descritivos-explicativos da psicologia dinâmica de Kurt Lewin para compreender sòmente a mim mas, intensamente, também meus diretos colaboradores a começar pelo Prof. Meschieri, insubstituível secretário do Congresso. Entre as muitas dificuldades passadas e presentes (infelizmente as haverá ainda depois do congresso) não nos faltou apoio e encorajamento. Não esquecerei jamais, principalmente, o apoio

válido e sábio do Colega e amigo Prof. Bonnardel, ativo Secretário Geral de nossa Associação. E aqui, em Roma, não me esqueço da encantadora cortezia do Prof. Domênico Marotta que, hospedando generosamente uma parte do Congresso no Instituto Superior de Saúde, por êle tão honrosamente dirigido, nos permitiu também usufruir das instalações dêsse Instituto para a tradução simultânea, que pudemos assim duplicar.

E eis-nos presente ao nosso Congresso, com problemas que julgamos oportuno propor. Não será inútil um breve comentário de alguns pontos do programa.

A subdivisão dos trabalhos em quatro Seções segue, em certo sentido, os traços do Congresso de Paris, mas com compreensão e com conteúdo em grande parte diversos. No nosso caso, além da importância intrínseca dos assuntos, queríamos ter presente também o interêsse que tais assuntos podiam ter em relação mais ou menos direta, com os conteúdos dos estudos desta Universidade, principalmente das faculdades em cujo currículo didático está incluída a psicologia (também por isso é que desejei que o Congresso se desenvolvesse, pelo menos preponderantemente, nesta sede).

A respeito dêste último, a segunda e a quarta seções, respectivamente, encontram uma precisa e direta correspondência na faculdade de medicina e na de jurisprudência, pois que os temas propostos são de molde a interessarem todos quantos do ensino da medicina e do ensino do direito tiram o fundamento para uma atividade profissional bem configurada, ou para se desenvolverem com mais completa aderência à realidade, tarefas particulares na organização da administração da saúde pública ou da justiça. Apresso-me acrescentar que a denominação da segunda seção é de molde a não se prestar a equívocos: não se fala de "psicologia clínica", expressão que — em acréscimo aos motivos mais fundamentados de discussão sôbre tal denominação ambígua — não é para ser considerada como é exclusivamente ligada à medicina, mas que deve designar qualquer assunto que focalize o indivíduo que tenha problemas pessoais de vida para resolver, seja qual fôr o campo donde surjam tais problemas (do campo médico, do campo pedagógico, do campo do trabalho, das mais diversas formas de vida social, etc.); fala-se de psicologia médica no sentido mais lato, isto é, de problemas que devem interessar a qualquer médico, tanto no campo psiquiátrico quanto no extrapsiquiátrico.

No que diz respeito à IV Seção, direi que muito poucas vêzes o seu conteúdo apareceu num Congresso de maneira sistemática — pelo menos em nossas intenções — como neste Congresso. A série mesma de Congressos promovidos pela nossa Associação não o projetara ainda em seus três setores fundamentais: *a*) psicologia criminalógica (prefiro não chamá-la "criminal", a psicologia, como a an-

tropologia, não é "criminal" é "criminalógica"), *b*) psicologia judiciária, *c*) psicologia penitenciária. Direi, além disso, que êste setor complexo da psicologia aplicada teve na Itália uma tradição própria (ligada principalmente aos nomes de Sante de Sanctis, Cesare Colucci, Giulio Cesare Ferrari, Agostino Geanelli), tradição não de todo extinta mas que agora está tomando incremento novo, graças aos interêsse de insignes juristas — como o pranteado Prof. Grispigni — e de diligentes magistrados ou administradores da justiça como atualmente S. Excia. Nicola Reale. Desagrada-nos sòmente que circunstâncias contingentes não nos tenham permitido dar a esta seção — que nos era particularmente cara — aquêle desenvolvimento que desejavamos dar-lhe e que merecia. Nosso esfôrço servirá de incentivo para um outro Congresso.

Uma combinação menos direta e configurada em faculdades universitárias é possível de encontrar-se na primeira e terceira seções, respectivamente dedidcadas à psicologia do trabalho (e, com esta, à orientação profissional) e à psicologia escolar. Não que o conteúdo de tais seções seja estranho do conteúdo dos estudos universitários: ao contrário, também êles merecem ser tratados nesta sede. Mas sua escolha nos foi sugerida pela importância basilar que no mundo social moderno possuem a vida do trabalho e a vida escolar, para os quais seus interêsses podem dizer-se gerais. Entre outros, no que diz respeito à terceira seção — dedicada à psicologia escolar — ela encontra correspondência nos problemas psicopedagógicos considerados nas duas faculdades universitárias de onde saem, principalmente, os mestres: a Faculdade de magistério e a Faculdade de Filosofia e letras. É justamente para os mestres, cuja responsabilidade nas ações sôbre os outros é talvez mais compromissiva que nos outros setores, que o problema da formação psicológica, se apresenta particularmente importante.

A "formação psicológica" das pessoas cuja atividade profissional é cheia de implicações psicológicas, pareceu-nos um problema digno de constituir uma premissa oportuna para o desenvolvimento ulterior dos valores das diversas seções; e, dado o interêsse geral do assunto, pareceu-nos que — quase a cimentar a unidade do Congresso frente ao risco de uma subdivisão— podia ser desenvolvida em seções reunidas (mesmo até em sessões verdadeiramente plenárias, como tinha sido nosso primeiro entendimento). Por outro lado, neste Congresso não nos interessa agitá-lo ainda como problema, não nos interessa afirmar que é necessário resolvê-lo; interessa-nos, em vez disso, recolher o fruto de experiências concretas, coordená-las, extrair diretivas para o futuro.

Na I e na II seções não posso esconder minha sensibilidade pessoal a alguns dos temas inseridos no programa, independentemente de ter-lhe dado ou não uma contribuição.

Um dêles é o do diagnóstico e da valorização dos interêsses profissionais. Levado para o plano da aplicação, da psicologia geral, Claparède (fundador em 1920 de nossa Associação) o apresentou, aqui, em Roma no já mencionado Congresso de 1905, como princípio fundamental da vida psíquica. Mesmo sôbre o plano prático, a importância dêsse problema não pode ser subestimada a favor total do problema das aptidões. Mas, grande parte da vitalidade da aplicação da noção de interêsse está ligada ao critério de diagnóstico de avaliação sôbre o qual se tem acumulado, agora, notáveis contribuições de aplicação, sustentadas por contribuições teóricas e metodológicas (de tipo psicométrico ou clínico porém capazes de poder-se tirar uma crítica).

O outro tema que, na III Seção, me é caro, é o dedicado ao estudo ou insucesso escolar. Quero dizer que êste tema poderia ter-se estendido ainda mais, pois que as incidências de tais relações interpessoais não se fazem sentir — é presumível — sòmente sôbre o sucesso ou rendimento escolar mas, em muitos casos, sôbre a própria formação da personalidade do aluno, especialmente quando estas incidências têm lugar em certas fases do desenvolvimento. Meu interêsse por êste problema não é tanto a projeção de minhas pessoais e ricas experiências de ex-aluno ou de pai, nem é tanto a expressão de minha atitude polêmica contra uma propaganda (evidentemente exata por si mesma mas por demais exclusivìsticamente unidirecional), surgida do ambiente escolar e em parte também do ambiente dos próprios psicólogos em relação às famílias, os pais, sobretudo, convidados a corrigir suas relações com os próprios filhos em tanto quanto alunos; meu interêsse por êste problema encontra sua justificativa nas observações sempre crescentes — colhidas na própria escola, na família, nos consultórios médico-psico-pedagógico — concernentes às atitudes relativas de alunos (não digo de todos os alunos) os quais fazem perguntas embaraçosas e apresentam novas dimensões ao problema da formação psicológica do mestre.

Assinalo, ainda na III Seção o Simpósio dedicado à "docimologia" na escola.

O têrmo "docimologia" merece ser difundido em seu emprêgo. Êle foi forjado por H. Piéron, que foi também um pioneiro dêste ramo da psicologia aplicada juntamente com Lawgiêr e Weinberg com os quas começou a tratar sôbre a avaliação dos exames e concursos. Haver proposto isto em relação à escola, quis representar, de nossa parte, também uma homenagem à multidirecional atividade dêste insigne estudioso. Por outro lado, o problema da avaliação do rendimento escolar é indubitàvelmente vivo e atual. Também êle, de par com o problema das relações ao rendimento como tal: a valiação — sobretudo em têrmos de "notas" — tem também para o aluno um significado intrínseco subjetivo de recompensa ou pu-

nição e como tal — sabem-no bem os psicólogos — é destinada a ter influência sôbre o trabalho ulterior de aprendizagem por parte do aluno e sôbre seu ulterior rendimento, e mais ainda sôbre a formação ulterior de sua personalidade. Tanto mais, portanto, êste problema, levado para o terreno prático, se põe em têrmos de objetividade (e, portanto, de equanimidade) da avaliação (mas quantos arranjos técnicos imprevistos isto requer!) como premissa de eventuais correções que são rigorosos ou indulgentes, segundo os casos (mas quanta prudência consciente é requerida para isso!)

O tema comum à II e à IV seção, dedicado às implicações teóricas e práticas da noção de normalidade — anormalidade psíquica, tem importância de base. Sua introdução no Programa teve em mira um duplo objetivo: 1) contribuir para o confôrto e, se possível, integrar e conciliar as diversas vias de tratamento do problema (daquelas mais estritamente psicométricas e estatísticas àquelas de orientação mais clínica), 2) contribuir para definir, se possível, esta zona limítrofe — por mais debatida que seja num sentido ou no outro — que sirva entre outras cousas para melhor precisar, nas relações entre psicologia e psiquiatria práticas, as respectivas esferas de competência. Um tema assim amplo e de tanto interêsse não poderia ser deesnvolvido senão através de um simpósio.

Desejo chamar por fim a atenção sôbre o último tema da seção: aquêle dedicado à pesquisa psicológica em medicina psicosomática. Poderá parecer estranho que se quisesse dar importância ao problema da pesquisa.

Do conjunto de temas do programa deveriam transparecer duas de nossas preocupações:

1) a preocupação de se tratar a psicologia aplicada com um espírito científico mas também com sensibilidade às instâncias humanas das quais a psicologia geral não pode esquivar-se, e sobretudo a psicologia aplicada dirigida, como ela é, para a solução de problemas concretos e vitais da sociedade humana, comprovam-no certos temas do programa: desde o estudo dos interêsses (compreendido também como estudo das motivações ao trabalho), ao da personalidade humana nas doenças e suas manifestações, ao relativo aos aspectos psicológicos da hospitalização, ao das relações interpessoais de mestre e aluno, àquela da readaptação social dos libertos do cárcere; isto, como exemplos mais significativo;

2) A preocupação de volvermos para a pesquisa de experiências concretas, para contribuições de indagações positivas de tal maneira que se possa apresentar ou resultados diretos ou o aprofundamento dos critérios metodológicos e não agitar esterilmente problemas num plano abstrato e teórico: e isto já o indicamos explicitamente no programa quando, ao formularmos certos temas que poderiam deixar dúvidas a respeito, havíamos declarado ou adicionado

indicações como: "pesquisa", "experiência" "contribuição" etc. Desejo também sublinhar isto porque, quando propusemos pela primeira vez os temas do nosso programa, alguns ficaram alarmados pelas numerosas vêzes que, no próprio programa, recorríamos às palavras "problema" e "teoria", como se tivéssemos sòmente com isso renunciado aos fatos. Nada disso. O que não impede que numa ciência, por mais aplicada que seja, os fatos colhidos, até mesmo os mais concretos, adquiram significado ùnicamente quando surgem de um problema proposto; e, por sua vez, êste, e as próprias soluções achadas, assumem em geral um valor, uma luz, um significado particular sòmente enquanto forem inspirados num esquema conceitual ou numa implicação teórica, para cuja verificação — em sua função de hipótese de trabalho — êles tenham contribuído.

A palavra "fato" é, na ciência, um dêsses vocábulos que parecem dotados de valor mágico, tal é a veneração incondicional que êles nos induzem.

"Buscar fatos, fatos e mais fatos; quando estiveres seguro de teus fatos, procura construir teorias; mas teus fatos são as cousas mais importantes." Êste "slogan" — diz Kurt Koffka em seus "Principles of Gestalt Psychology" — é ainda, hoje em dia, comum na ciência; e tem no fundo sua justificativa também para a Psicologia, porque desde que começou a recolher fatos ela começou na realidade a ser ciência. Mas, acrescenta Koffka, a ciência não é ocmparável a um catálogo onde os fatos são arrolados, baseados num critério arbitrário e convencional, como os livros guardados numa biblioteca segundo o índice alfabético; a ciência tem necessidade de ser um sistema racional que espelhe o mais possível a própria ordem dos fatos, os quais sem ordem não existem. Assim é que— acrescenta Koffka — se se considerar o desenvolvimento da ciência, pode-se dizer que tenha começado a encontrar o seu verdadeiro valor e seu verdadeiro progresso, entrando numa nova época, quando, durante a Renascença, ela mudou de direção: da caça aos "multa" para a pesquisa do "multum"; isto é de uma fase de acumulação de fatos para uma outra onde o sistema complexo da ciência torna-se mais significativo e válido, sempre mais rico e profundo, à medida que se torna mais coersivo e unitário pelas generalizações teóricas que ela contém, bem como pelos fatos que servem e foram utilizados para prová-la.

É com prazer que gostaria chamar a atenção à respeito dos germes que, também no campo da psicologia aplicada, surgem daquele apanhado de teorias sustentadas por Ponzo, como "Psicologia da ação". Terei a impressão de haver dado a êle a possibilidade de ser ouvida sua palavra neste Congresso. Direi mesmo que foi, de fato, num anterior Congresso Internacional de Psicologia Aplicada (o IX Congresso, realizado em Berna em 1941) que Ponzo

— expôs as linhas gerais com o título de "Psicologia da ação e da compreensão da personalidade". A sociedade alemã de psicologia quis fazer disso menção explícita num atestado que, com pensamento elevado e frases gentis, enviou a Ponzo por ocasião de seu 75° aniversário, nomeando-o sócio honorário.

A psicologia da ação segundo Ponzo não pretende, na realidade, criar a teoria interpreativa da conduta e da personalidade humana: ela quer sòmente concentrar o interêsse do psicólogo nessas "emergências" de nossa conduta (do nosso "agir", conforme prefere dízer Ponzo) que são de fato representadas pelas "ações" humanas, pelas ações particulares, no significado que o conceito de ação possui também na experiência e na linguagem comuns. Se Claparéde ao iniciar sua auto-biografia lembra que "uma vida é como um rio que corre, mas cada qual serpenteia a seu modo", Ponzo sublinha que o fluir incessante e contínuo do "agir" humano é um concatenar-se e um engrenar-se de ações diversas, ligadas e hierarquizadas entre si de maneira variada.

Ponzo apresenta, portanto, a ação particular, qual unidade funcional concreta, como ponto de partida para o estudo da personalidade e da conduta. Mas, no estudo da ação — mesmo se fôr conduzida com "objetividade" científica — não se pode prescíndir, segundo Ponzo — e eu concordo com êle — da subjetividade do indivíduo que age, sob pena de reduzir êste último a um objeto, uma cousa, como aconteceu com o objetivismo absoluto comportamentista (behaviorista) . Não se pode, assim, falar de "ação" verdadeira e própria se se prescinde de seu momento essencial: a "elaboração interior" da ação, isto é todo processo, através do qual — partindo de motivações conscientes ou inconscientes — o indivíduo — alcança ou tende a alcançar um "fim", um "objetivo" uma "meta" Êste processo empenha tôda a personalidade humana' portanto, para compreender esta última, a psicologia deve partir do estudo completo da "ação".

Mas, o que aqui nos importa não são êstes aspectos teóricos da psicologia da ação, que também tive de recordar para fazer-me entender.

Interessa-nos, sim, pôr em evidência principalmente algumas advertências que a psicologia da ação, segundo Ponzo, faz no campo aplicativo: bastar-me as poucas palavras.

Ela nos adverte, sobretudo, para que, frente a uma realização qualquer de um indivíduo (seja diante de um teste psicológico ou de uma prova escolar, ou uma operação de trabalho, etc.), não limitemos nossa atenção ao pouco rendimento final, objetivo. O resultado final exterior não nos diz, por si só, qual a elaboração interior que trouxe em si e que, além de poder ser diversa, conforme o caso, diante do mesmo resultado, tem, sem dúvida, seu valor intrínseco.

Em linha geral, jamais se insistirá em demasia sôbre uma consideração que deveria ser, por si, óbvia e que ao contrário, muitas vêzes se esquece: a execução, de trabalho ou escolaridade, ou a resposta de um quesito proposto por um teste psicológico que não pode reduzir-se a simples reação a um estímulo; também o diálogo interno que se estabelece entre o sujeito e o mundo esterno, físico e social, do qual e no qual êle recebe as instruções da tarefa que lhe foi dada e no qual a contribuição de adaptação, é bem mais que uma simples justaposição ou simples convergência de "variáveis" internas; o jôgo que resulta da direção dada à obrigação assumida pelo sujeito pelas tendências, atitudes e interêsses dêste último, bem como das relações "situacionais" do próprio sujeito frente à prova, frente a quem lh'a propõe, frente às ressonâncias previstas que o resultado deverá ter no ambiente onde está realizando ou já realizou; tudo isto, dizia eu, não pode reduzir-se a uma combinação mecânica de fôrças; diante do princípio de economia e do menor esfôrço que regula tôda vida psíquica, o próprio "viver" subjetivamente, de maneira pessoal e particular, uma nossa ação, mesmo produtiva, não pode ter o único valor de inútil e negligente epifenômeno.

Querer ignorar tudo isto diante da realização de um teste, pode dar resultados incompletos e ilusórios; negligenciá-lo diante de uma realização de trabalho ou escolaridade pode ser profundamente antihumano: tomem nota, por ex., aquêles autores que no nosso Congresso tratarão dos critérios de avaliação do rendimento de trabalho (na seção I) e do rendimento escolar (na seção III).

Mas, quanto tudo isso é digno da maior atenção por parte dos psicólogos que se encontram diante de uma ação que envolva a responsabilidade social daquêle que age! Os homens na vida comum (mesmo na regulada pelo código) julgam, sancionam, premiam ou castigam outros homens muito freqüentemente baseados sòmente no resultado final de uma ação; também quando procuram reconstruir as intenções, os móveis, a gênese, fazem-no muitas vêzes por deduções gratuitas, na maioria dos casos, projetando nesses julgamentos a si próprios e suas atitudes mesmo inconscientemente.

Como tudo isto serve para acentuar o sulco já demasiado profundo das incompreensões institivas entre os homens, é de meditar-se.

Aos homens de boa vontade, sobretudo aos de ciência, compete a tarefa e a responsabilidade de corrigir e aperfeiçoar as vias que devem conduzir os homens à compreensão e não ao ódio.

Que mesmo nisto a elaboração mental da ação seja o mais possível a forjardora de bens, de justiças, de atos nobres num esfôrço individual e social de ascenção para a conquista dos mais altos valores esperituais e das mais altas metas ideais.